



ESPIONAGEM, RESISTÊNCIA E SABOTAGEM NA FRANÇA: UMA GUERRA SECRETA (1944)

Raquel Anne Lima de Assis

Doutoranda em História Comparada pela UFRJ (PPGHC)
Integrante do Grupo de Estudo do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq)

E-mail: raquel@getempo.org

ST 8 - Guerras, Extremismos, Terrorismo: questões para a atualidade

O fato de que nossos chefes nunca soubessem perfeitamente as verdadeiras intenções do inimigo e, talvez, pior ainda, suas possibilidades materiais, pode ser explicado pela má organização de nossos serviços de informação.

Marc Bloch (1886-1944), historiador, capitão do exército francês e membro da Resistência, em *A Estranha Derrota*.

Em 1944 aconteceu uma das principais batalhas que ajudou os Aliados a vencerem a guerra contra o Eixo durante a Segunda Guerra Mundial, foi a batalhada da Normandia. Tropas Aliadas desembarcaram no litoral francês no chamado Dia D, venceram os alemães e os expulsaram do território ocupado desde 1940. Para auxiliar essa ação uma das atividades realizadas foi o uso da espionagem com o objetivo de coletar informações para a produção de inteligência e empreender operações especiais em atividades de sabotagem e guerrilha. Para isso, duas instituições do serviço secreto foram responsáveis na realização dessas ações: a agência britânica *Special Operations Executive* (SOE), nascida em 1940, e a norte-americana *Office of Strategic Service* (OSS), surgida em 1941. Desta maneira, nosso objetivo é analisar, em perspectiva comparada, aspectos da atuação desses órgãos no território francês antes da libertação.

Quando surgiu, o principal objetivo do SOE era realizar operações especiais em países ocupados pelo Eixo através de sabotagem, propaganda e guerrilha. Atividade de inteligência, ou seja, coleta, análise e interpretação de informações era de responsabilidade maior de outra agência britânica, o *Secret Intelligence Service* (SIS), mais conhecido como MI6. Mas, isso não excluiu o fato do SOE também produzir inteligência, como fizeram na Holanda e no Extremo Oriente. Entretanto, M.R.D. Foot



afirma que para o chefe do OSS, William Donovan, o SOE era fraco em coletar informações (FOOT, 1991, p. 296). Isso sugere a possibilidade de que o principal objetivo do SOE eram as Operações Especiais mais do que a Inteligência Secreta. Portanto, essa agência procurava, principalmente, incentivar a resistência pela própria população local nos países dominados pelo Eixo, organizar e auxiliar movimentos de resistência e instigar ações de sabotagens e guerrilha.

Quanto ao OSS, que foi o precursor da CIA (Agência Central de Inteligência), era uma agência de serviço secreto norte-americana com o objetivo de coletar informações, fornecer inteligência e empreender operações especiais e clandestinas no teatro da Segunda Guerra Mundial para dificultar a ocupação do território pelo inimigo (BULL, p. 06-7). Tal instituição agia em: guerra clandestina; setores de pesquisas e análises; ações de espionagem; operações especiais; inteligência secreta e em grupos operacionais que agiam em operações militares de guerrilha. Uma das formas utilizadas era tentar incentivar a resistência pela própria população local nos países dominados pelo Eixo, instigando e desenvolvendo ações de sabotagens e propaganda. Seu campo de ação era a Europa, Norte da África e Ásia, chegando a 40 escritórios no exterior. Enquanto a América Latina e a própria segurança interna dos Estados Unidos, isto é, a contraespionagem, eram responsabilidades do FBI.

Essa comparação entre ambas as agências nos mostra que enquanto na Inglaterra Inteligência Secreta e Operações estavam divididas em duas instituições, SIS e SOE, respectivamente, nos EUA essas duas atividades se concentravam em um único órgão, o OSS. Mas, elas eram bastante semelhantes na forma de ação na organização e auxílio de movimentos de resistência através de seus agentes secretos ou espões. Eles eram enviados para territórios ocupados pelo Eixo para preparar esses grupos clandestinos com técnicas de sabotagem, guerrilha, manuseio de armas, defesa pessoal e disfarce. Também agiam na propaganda contra o inimigo para afetar a moral das tropas.

Antes de ensinar essas técnicas de sabotagem e guerrilha a esses movimentos, os espões passavam por treinamentos através de manuais produzidos e utilizados por ambas as agências. Material este que deveria cumprir a função de “manual de campo” nas ações de espionagem, sabotagem e propaganda dos Aliados. Eram documentos sigilosos e de uso interno, logo, não eram distribuídos para o grande público. Os agentes



tinham acesso a esse material e, em seguida, deveriam ensinar seu conteúdo aos integrantes dos movimentos de resistência.

Dentre estes manuais dois se destacam ao ensinarem atividades de sabotagem e de guerrilha para a formação e organização de uma resistência: o *Partisan Leader's Handbook* (Manual do Líder Guerrilheiro) e o *Simple Sabotage Field Manual* (Manual de Campo de Sabotagem Simples). O primeiro foi compilado pelo Major Colin Gubbins, da Inteligência Militar Inglesa. O manual foi o ponto de partida das operações secretas britânicas na II Guerra, sendo utilizado pelo SOE. Trata-se de um documento sigiloso, mas que circulou o mundo e que foi traduzido em diversas línguas (francês, holandês, polonês, norueguês, chinês etc), cujo objetivo era apresentar o *modus operandi* de guerrilha na guerra; assediar o inimigo por qualquer meio; cortar as comunicações inimigas; mobilizar e dar suporte à população local e agir somente quando houvesse certeza do sucesso. Conforme o próprio manual:

Lembre-se que seu objetivo é atrapalhar o inimigo de toda forma possível, de modo a tornar a luta mais difícil para seus exércitos nos *fronts* principais. Você pode fazer isso danificando suas comunicações ferroviárias e rodoviárias, seus telégrafos e sistema postal, destruindo pequenas partes do inimigo (Tradução Nossa) (*The Partisan Leader's Handbook*, 1939, p. 27).¹

O segundo, produzido e utilizado pelo OSS, foi um dos mais conhecidos e utilizados manuais. Tinha como objetivo instruir sobre como seria possível ao cidadão comum colaborar com os Aliados. A chamada “sabotagem simples” era abordada como importante para atrapalhar a rotina das forças de ocupação e, ao mesmo tempo, alimentar a confiança da população em uma vitória breve dos Aliados. A obra foi feita considerando-se que os alemães exploraram trabalhadores estrangeiros em larga escala, os submetendo a trabalhos forçados, quando não eram mortos em câmeras de gás dos

¹ “Remember that your object is to embarrass the enemy in every possible way so as to make it more difficult for his armies to fight on the main fronts. You can do this by damaging his rail and road communications, his telegraph and postal system, by destroying small parties of the enemy”



campos de concentração ou fuzilados pelas tropas da SS², se tornando até dependentes desta mão-de-obra na sua indústria e por submeteram estas pessoas à condições sub-humanas nesses trabalhos. Assim, estes mesmos trabalhadores eram pessoas com motivos e oportunidades para empreender ações que aparentemente dificultavam o cotidiano dos exércitos inimigos. Esse documento também era confidencial, nas palavras do William Donovan (chefe da OSS): “O conteúdo deste Manual deve ser cuidadosamente controlado e não deve ser permitido que chegue em mãos não autorizadas” (Tradução nossa) (Simple Sabotage Field Manual, 1944, p. 95)³.

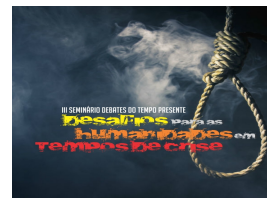
Portanto, a resistência, no caso da Segunda Guerra, recebeu amparo dos manuais, panfletos e livretos produzidos pelo OSS e pelo SOE e ensinados pelos espíões. Para Carl Clausewitz, a resistência cumpre papel central numa guerra. A defesa de um território tem na resistência um fator importante, pois dela podem depender informações vitais: “é a informação (...) como aquelas que tocam inúmeras pequenas incertezas ligadas ao serviço cotidiano de um exército, e relativamente às quais o entendimento com os habitantes dá aos defensores uma vantagem de ordem geral” (CLAUSEWITZ, 2003, p. 493). Por isso, no *Partisan Leader's Handbook* é destacada a importância de obter informações para o melhor planejamento das operações conhecendo a localidade e os movimentos dos inimigos. Alguns questionamentos deveriam ser levantados, como: “quais as horas de descanso das sentinelas e como é realizado; força total da guarda e dos destacamentos; como e quando chegam os suprimentos para a guarda? É permitida a entrada de civis nos postos?” (Tradução Nossa) (The Partisan Leader's Handbook, 1939, p.30-1)⁴.

Ou ainda, também neste manual, ao ensinar como executar emboscadas em estradas, mas que para isso era necessário obter informações sobre a forma de locomoção dos destacamentos, sua força média, seus armamentos e sua quantidade de veículos utilizados; se seus carros eram blindados; os horários que eles passavam pelo

² S.S significava *Schutzstaffel* ou Camisas Pretas, a guarda pessoal de Adolf Hitler. Essa tropa foi responsável pela manutenção e execução da Solução Final, o genocídio de milhões de judeus, entre outras minorias, que ocasionou no Holocausto.

³ “The contents of this Manual should be carefully controlled and should not be allowed to come into unauthorized hands”

⁴ Hours when sentries are relieved, and how relief is carried out. Total strength of guard or detachment. How and when do supplies for the guard arrive? Are civilians allowed to enter the post?.



local escolhido para o ataque; se moviam em blocos ou se colocavam homens na frente e atrás para se prevenir de surpresas, entre outras informações (Ibidem, p.37). Para obter essa informação, e assim construir inteligência, era necessário a ajuda da população local. Os tipos de pessoas ideais a serem empregadas para esta tarefa, conforme o manual, eram: padres; estalajadeiros; garçonetes, empregados de bar e todos atendentes dos cafés; empregados domésticos nas casas onde oficiais ou homens estavam alojados; doutores, dentistas e funcionários de hospital; lojistas, vendedores ambulantes; e seguidores de acampamentos. Sendo recomendado que este pessoal fosse treinado para estas tarefas (Ibidem, p.33-4). Isso reflete no que Clausewitz afirma, “a influência total dos habitantes de um país sobre a guerra está, no entanto, longe de ser insignificante, mesmo se não se produz verdadeira sublevação geral do povo” (CLAUSEWITZ, 2003, p. 493).

Sendo assim, o objetivo dos manuais era também possibilitar que estas ações de resistência fossem empreendidas por pessoas comuns. No *Simple Sabotage Field Manual* afirma-se: “inúmeras ações simples as quais o indivíduo comum, o cidadão-sabotador, pode realizar” (Tradução nossa) (Simple Sabotage Field Manual, 1944, p. 96)⁵. Esses sabotadores poderiam ser divididos em dois tipos. Um era aquele que não era tecnicamente treinado e empregado, necessitando, assim, de sugestões específicas. O outro era o técnico que poderia criar situações para sabotagem, por exemplo, um torneiro mecânico ou um mecânico de automóveis. Eram pessoas que agiam em suas atividades cotidianas, principalmente em seus trabalhos. Não por acaso tratavam-se de “simples sabotagens” ao entupir, por exemplo, banheiros com papel, cabelo ou qualquer outro objeto; ou ainda sistemas de esgotos com esponjas saturadas com amido grosso ou solução de açúcar (Ibidem, p. 106).

O próprio manual entende esse conceito, a sabotagem, como uma forma de atrapalhar o cotidiano das tropas inimigas através de simples ações empreendidas por cidadãos comuns, sem necessariamente qualquer tipo especialização ou armas. Como por exemplo, provocar curto-circuito ou incêndios com material inflamável em fábricas, armazéns e escritórios; atrasar o trabalho; ou ainda espalhar informações falsas para

⁵ “To innumerable simple acts which the ordinary individual citizen-saboteur can perform”.



desmoralizar o inimigo (Ibidem, p. 104). Por sua vez, o *Partisan Leader's Handbook* entende sabotagem como:

Ações de indivíduos ou pequenos grupos de pessoas que são realizadas de modo furtivo e não em conjunto com as forças armadas. Esses empreendimentos, contudo, frequentemente produzem resultados valiosos e, assim como as ações militares, obrigam o inimigo a dispersar suas forças a fim de se proteger contra eles (Tradução Nossa) (*The Partisan Leader's Handbook*, 1939, p.31)⁶.

Estas ações se caracterizam como astúcias praticadas pela população local contra o domínio do exército do Eixo. É um jogo de relações de poder entre as forças inimigas que ocupam o território e aqueles submetidos à repressões, controle do seu cotidiano e, em muitos casos, a trabalhos forçados. Mas isto não impede que estes procurem oportunidades dentro deste contexto para atingir com *golpes* aos invasores. Dentro de um sistema imposto pela ocupação essas pessoas procuravam meios de manipular práticas contra as vontades e interesses do inimigo, mesmo sendo controlados por ele. Sendo assim, o *Partisan Leader's Handbook*, ciente da superioridade de armamento do inimigo, ensina como detê-los em suas tentativas de destruir as guerrilhas com ações para conter aviões, tanques, carros e caminhões blindados, metralhadoras, bombas, granadas etc (*The Partisan Leader's Handbook*, 1939, p. 50-1).

Como afirma Clausewitz, “quanto mais fracas forem as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais acessível esta será à astúcia” (CLAUSEWITZ, 2003, p. 217). Portanto, aquele que não possui meios de impor sua vontade contra o oponente, neste caso a população local contra as forças do Eixo, torna-se submetido à imposição do adversário. Porém, encontra, através da sabotagem e guerrilha no seu cotidiano, formas de resistência e defesa. Era essa prática que os manuais procuravam ensinar e tinham os agentes secretos como porta-vozes. Podemos citar exemplos de pessoas que mesmo sendo forçadas a trabalhar nas fábricas, encontravam meios de atrasar a produção danificando alguma peça como transformadores, motores elétricos, turbinas e caldeiras. Ou ainda ao utilizar a desculpa que deixou cair a chave no circuito elétrico

⁶ “Sabotage deals with the acts of individuals or small groups of people, which are carried out by stealth and not in conjunction with armed force. These undertakings, however, frequently produce very valuable results and, like military action, force the enemy to disperse his strength in order to guard against them”.



porque um ataque aéreo o manteve no escuro ou estava dormindo no trabalho, sempre pedindo muitas desculpas para parecer um desastrado (Simple Sabotage Field Manual, 1944, p. 101). Tais ações são exemplos de astúcias empreendida no cotidiano pelos mais fracos contra os mais fortes que às vezes nem percebem quem estavam sendo alvos de ataque.

Uma das tentativas de colocar esses conteúdos e ideias em prática foi a “Operação ROOK” cujo o propósito era sabotar os meios de transporte e comunicação no sul da França entre novembro de 1943 e fevereiro de 1944. Esse plano foi elaborado e executado pelo *Office of Strategic Services* (OSS) em parceria com o *International Transport Federation* (ITF) e afiliadas na *Confederation Generale de Travail* (CGT). O primeiro era um sindicato internacional de trabalhadores ferroviários e o segundo uma confederação francesa de sindicatos. Com ambos agindo clandestinamente na região, seus trabalhadores tinham como objetivo “assegurar uma contínua perturbação e interrupção de transporte e comunicação inimiga no sul da França através de sabotagens mútuas em ferrovias e outras instalações” (OSS, ROOK, Nov 1943-Feb 1944)⁷ (Tradução nossa).

Talvez para sua preparação e treinamento utilizassem os manuais estudados aqui como o *Simple Sabotage Field Manual*, que era um dos livretos mais famosos e utilizados pelo OSS. Consequentemente, é possível considerar também a participação de agentes do OSS nesta operação para organizar e treinar esses trabalhadores. Isso pode ser verificado porque no plano da operação havia um trabalho conjunto entre os ferroviários e outros trabalhadores com os operadores de rádio OSS para obter inteligência militar em relação aos transportes. Para desta forma estabelecer as bases para destruição dos alvos em conexão com a Operação do Dia D. Além de executar um treinamento das forças internas para cooperar com as forças militares no momento do desembarque (Ibidem).

Na missão ROOK incluía-se também enviar um representante do ITF e do CGT. Ele deveria ser aceitável pelo grupo de trabalhadores, possuir habilidade organizacional e familiaridade com área de operação e com o pessoal envolvido. Seu propósito era

⁷ “To secure a continuous disruption and interruption of enemy transport and communications in Southern France through mutual sabotage of railroad and other facilities”.



“contatar ferroviários e outros grupos de trabalhadores nos pontos selecionados e prepará-los para a realização dos objetivos do projeto” (Tradução nossa) (Ibidem). Portanto, possivelmente esse representante seria um agente treinado com esses manuais e enviado para repassar seu conteúdo para essas pessoas, a população local de trabalhadores ferroviários. Inclusive o próprio projeto afirma que entre o seu pessoal seriam enviados também agentes suplementares para uso futuro, operadores de rádio, e se necessário “operadores de rádio e agentes adicionais serão treinados e instruídos em conexão com Inteligência e Operação respectivamente” (Tradução nossa) (Ibidem).

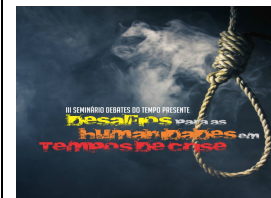
Esse agentes seriam também instruídos pela Inteligência francesa que concordava e auxiliava na operação. Como também auxiliados por um instrutor em demolição. Inclusive entre seu equipamento estava material de demolição, rádio e outros suprimentos incluindo roupas, alimentos, documentos, armas etc. Tal projeto saiu do papel e foi iniciado depois de uma discussão preliminar entre o chefe Donovan (OSS), Omer Becu (*International Transport Federation*) e Mortiner Kollender (*Labor Desk*, Cairo) (OSS, ROOK, Nov 1943-Feb 1944). A iniciativa demonstrava a preocupação de coordenar Inteligência e Operação na sua execução ao sabotar os meios de transporte e comunicação franceses. Sendo assim, pretendia atrapalhar o cotidiano do inimigo, auxiliando as forças Aliadas no Dia D.

O homem escolhido pela resistência para ser o representante ITF-CGT foi Mederic (codinome). Ele era conhecido pelos sindicalistas e pelo OSS e possuía a capacidade de selecionar agentes para iniciar o projeto e oferecer contato com ferroviários e trabalhadores da comunicação no sul da França (ROOK, Carta para Omer). Ele poderia ser o representante do CGT “sem formalmente comprometer o CGT em um acordo com uma agência de outro governo” (Tradução nossa)⁸. Se a inteligência alemã tivesse conhecimentos sobre os planos Aliados, impediria que o projeto de sabotagem fosse adiante e provavelmente repreenderia essa resistência local formada por trabalhadores.

Por isso, em algumas notas do projeto afirmam que

O CGT não está, como um sindicato representado na Assembleia nem como um afiliado da ITF através de transportes em agências, em

⁸ “Without formally putting CGT into an arrangement with an agency of another government”. Ibidem



posição para tomar a responsabilidades na conexão com um projeto tal como ROOK (Tradução nossa) (ROOK, Notes...ROOK, Nov 1943-Feb 1944)⁹.

Mas, o CGT lidava com todos os assuntos envolvendo o movimento *Metropole Resistance* no que dizia respeito a munição e pessoal para Mederic (Ibidem). Foi esse movimento de resistência que confiou Mederic como o especialista apropriado para o projeto. A preocupação com o sigilo era a tal ponto que não queriam chamar atenção de outros grupos franceses para a operação. Nem mesmo pessoal adicional entre os franceses, com exceção de agentes selecionados por Mederic, precisavam saber do plano.

Essa ação foi caracterizada como SO (*Special Operation* - Operação Especial). Isso acarretaria em acordos com o *Special Operations Executive* (SOE). Desta forma, necessitavam de Londres aprovações para que o projeto pudesse ser executado (Ibidem). Basta lembrar que o SOE era a agência britânica responsável por operações clandestinas deste tipo e mantinha aliança com o OSS. Ambas as agências empreenderam ações conjuntas na França para auxiliar no desembarque da Normandia. Essa cooperação resultou em trabalhos de comando, planejamento, operações e comunicações integradas em torno de sabotagens e redes de agentes. O plano básico de danificação de transportes e comunicações era intensificado e expandido entre esses órgãos (BROOK, 1991, p. 70). Sendo assim, era necessária a aprovação mútua para não gerar tensões. Em fevereiro de 1944, Londres emitiu sua carta concordando com a Operação ROOK (ROOK Cables' Nov 1943-Feb 1944).

Outra atividade dos agentes no território francês foi de produzir inteligência militar. Mesmo ROOK sendo uma ação de Operação Especial (SO) através de sabotagens empreendidas por movimentos de resistência, era necessário serviço de Inteligência (SI) na seleção de alvos estratégicos para colaborar com o sucesso do Dia D. O espião não apenas instrua em sabotagem e outras atividades de resistências, mas também em como coletar informações sobre particulares itens de inteligência a serem

⁹ “The CGT is not, as a union represented in the ASSEMBLEE nor as an IFT affiliate through its transportati on branches, in a position to undertake responsibilities in connection with a projetct such a ROOK”.



observados. Esperava-se assim coordenar mecanismos de comunicações da CGT e “construir uma estrutura de cooperação para o Dia D de todas as filiais CGT com as forças Aliadas” (Tradução nossa) (Ibidem).

Segundo Michael Herman, a superioridade da inteligência dos Aliados foi importante para o sucesso estratégico no desembarque da Normandia (HERMAN, 1996, p. 150). A inteligência foi capaz de neutralizar algumas vantagens dos alemães. Isso demonstra que a inteligência pode ser utilizada tanto para a defesa de uma território, na preparação de emboscadas, como para atacar o inimigo. Foi isso que fizeram os Aliados na França. Utilizaram da inteligência para uma ofensiva contra os alemães ao destruir alvos estratégicos, meios de transporte e comunicação, dificultando suas ações.

Portanto, boa inteligência pode ajudar o agressor a alcançar superioridade local, assim como a alertar ao defensor contra surpresas. Mas, o sucesso dos Aliados não se deu apenas devido aos seus serviços secretos. Sua superioridade na inteligência coincidiu com sua superioridade de recursos a partir de 1942. Em outras palavras, vantagens militares dão suportes à inteligência. Conforme Herman, na guerra a inteligência pode otimizar e transformar situações (Ibidem, p. 144). Somente espionagem não leva à vitória sem o uso da força. Ainda segundo o autor, “a informação pode ajudar organizações militares a direcionar seus recursos eficientemente” (Tradução nossa) (Ibidem, p. 146), é parte do processo para alcançar a vitória.

A inteligência não garante a vitória e nem estabelece o que ocorrerá no futuro. Conforme Marcos Cepik, trata-se de um fluxo de informações parcialmente estruturado, mas com gerenciamento incerto, pois há uma dificuldade de integração das etapas e atendimento ágil das necessidades dos usuários (CEPIK, 2003, p. 67). Além de lidar com o perigo de vazamento de informações, tornando importante o cuidado com a segurança que pode impor limites ao trabalho e a sua agilidade.

Esse sigilo envolve inclusive as operações encobertas. Esse tipo de atividade tem como objetivo influenciar outros governos e organizações a seguirem um comportamento que favoreça os interesses daqueles que organizam e conduzem essas ações. Dentre os tipos de operações encobertas está o apoio a grupos locais no empreendimento de sabotagens, guerrilhas, guerras subterrâneas, operações



paramilitares, terrorismo etc (Ibidem, p. 62). O envolvimento pode ser através de suporte financeiro, fornecimento de armas, inteligência, treinamento e forças combatentes especializadas neste tipo de operação.

Sendo assim, podemos enquadrar o projeto ROOK como uma operação encoberta. Tratava-se de um ação empreendida por uma agência de inteligência ligada diretamente ao governo americano, o OSS, que organizou e auxiliou movimentos de resistência no território francês para enfraquecer as tropas inimigas por meio de sabotagens nos seus meios de transporte e comunicação. Tendo como intermediários os agentes secretos que transmitiam os conhecimentos dos manuais para esses grupos, auxiliando, assim, o desembarque e o sucesso das tropas Aliadas na Normandia no Dia D.

A importância deste tipo de operação para a libertação da França pelos Aliados pode ser verificada quando em 1944 começou uma onda de apoio popular para o exército da libertação. Forças de resistência, auxiliados pelos Jedburghs¹⁰, danificaram esforços alemães para contra-ataque com cortes de trilhos, destruição de pontes, estradas de mineração, corte de telecomunicações e sabotagem de veículos alemães. Segundo Lawrence H. McDonald, como consequência, a resposta alemã ao desembarque Aliado foi adiada em 48 horas (Ibidem, p.93-4).

Para manter o sigilo e consequente sucesso da operação e dos serviços de inteligência, era necessário também evitar a infiltração do inimigo e o vazamento de informações. Era preciso serviço de contra-inteligência e contraespionagem. Essa proteção é chamada de *information security*, que trata-se do suporte de proteção de informação para frustrar o trabalho de espionagem do inimigo (HERMAN, 1996, p. 165). Conforme o dicionário *The A to Z of British Intelligence*, contra-inteligência é “a

¹⁰ Jedburgh foi a equipe que se destacou entre as missões de SO na Europa. Trabalhando em estreita colaboração com o SOE, SO enviou 87 equipes de Jedburgh e 19 grupos de operação OSS, ou unidades de guerrilheiros, para a França. Tão bem sucedido foram as equipes Jedburgh que o general Eisenhower solicitou adicionais para o apoio a grupos de resistência e de aquisição de inteligência tática. Cf.: MCDONALD, Lawrence H. The OSS and its Records. In: CHALOU, George C. (org). **The Secrets war: the Office of Strategic Services in World War II.** United States: National Archives and Records Administration. Proceedings of a conference sponsored by and held at the National Archives in Washington, D.C., July 11-12, 1991, p.94.



disciplina dedicada à penetração das estruturas de inteligência do adversário e proteção da própria organização” (Tradução nossa)¹¹.

Sendo assim, inteligência e segurança são atividades bem próximas. Enquanto uma procura penetrar na segurança do sistema de informação do inimigo, a outra tenta evitar a aquisição de inteligência pelo oponente. Segundo Michael Herman, uma atividade não exclui a outra, pois para obter inteligência sobre o inimigo é necessário conhecer suas medidas de segurança. Ao passo que para planejar sua segurança é necessário conhecer as formas de aquisição de inteligência do inimigo (HERMAN, Op. cit., p. 166).

Considerações finais

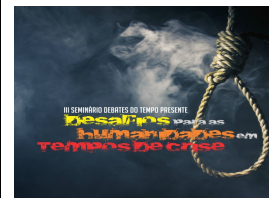
Nesta trabalho podemos verificar como a França foi palco não apenas de batalhas que resultaram na vitória Aliada no Dia D, mas também de ações de resistência, inteligência e espionagem. Atividades essas, empreendidas pelo SOE e OSS juntamente com a resistência francesa, que não determinaram, mas ajudaram na vitória contra a Alemanha. Ambas as agências, em parceria, organizaram e coordenaram operações de inteligência e operações especiais para coletar informações e sabotar meios de transporte e comunicação na França utilizados pelo inimigo. Para assim dificultar seu cotidiano e obter dados para a formação de estratégias de suas forças armadas.

Isso evidencia que a formação de uma resistência era parte da estratégia para os Aliados vencerem os alemães e libertarem o território francês. Sua tática era utilizar dos serviços secretos para ajudar organizar e incentivar a população local a agir em ações do cotidiano. Ou seja, atrapalhar ao dia-a-dia do inimigo para que negligenciassem sua atenção na chegada dos Aliados enquanto resolviam esses “pequenos problemas”.

Fontes

OFFICE OF STRATEGIC SERVICES, *Simple Sabotage Field Manual*, 1944.

¹¹ “The discipline devoted to penetrating the adversary’s intelligence structure and protecting one’s own organization”. WEST, Nigel. **The A to Z of British Intelligence**. Lanham, Toronto, Plymouth, UK: The Scarecrow Press, Inc, 2009, p. 114.



Record Group 226: Records of the Office of Strategic Services, 1919 – 2002. Series: Algiers Field Station Files, 1941 – 1945. File Unit: 626) *ROOK: Sabotage of Transportation and Communications in Southern France, Nov 1943-Feb 1944*. National Archives Identifier: 6275410. ARC Identifier: 6275410. HMS/MLR Entry Number: A1 97. Container ID: 35.

Referências

- BARROS, José D'Assunção. *História Comparada*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BARROS, José D' Assunção. *História Comparada – Um novo modo de ver e fazer a história*. Revista de História Comparada. Vol. 01, número 01, jun./2007.
- BLOCH, Marc. *Por una historia comparada de las sociedades europeas*. In: GODOY, Gigi; HOURCADE, Eduardo. Marc Bloch: una historia viva. Estudio preliminar y seleccion de textos. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1992.
- BLOCH, Marc. *A estranha derrota*. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BROOK, Sir Robin. The London Operation: The British View. In: CHALOU, George C. (org). *The Secrets war: the Office of Strategic Services in World War II*. United States: National Archives and Records Administration. Proceedings of a conference sponsored by and held at the National Archives in Washington, D.C., July 11-12, 1991, p. 69-73.
- BULL, Stephen. Introduction. In: *The Secret Agent's: pocket manual (1939-1945)*. London: Conway, 201, p. 6-24.
- CEPIK, Marcos A. C. *Espionagem e democracia*. Rio de janeiro: Editora FGV, 2003.
- CLAUSEWITZ, Carl. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FOOT, M.R.D. The OSS And SOE: An Equal Partnership? In: CHALOU, George C. (org). *The Secrets war: the Office of Strategic Services in World War II*. United States: National Archives and Records Administration. Proceedings of a conference sponsored by and held at the National Archives in Washington, D.C., July 11-12, 1991, p. 295-300.
- FOOT, M.R.D. *SOE: An outline history of the Special Operations Executive 1940-46*. London: British Broadcasting Corporation, 1984
- HERMAN, Michael. *Intelligence Power in Peace and War*. Cambridge: Cambridge University, 1996.
- MCDONALD, Lawrence H. The OSS and its Records. In: CHALOU, George C. (org). *The Secrets war: the Office of Strategic Services in World War II*. United States: National Archives and Records Administration. Proceedings of a conference sponsored by and held at the National Archives in Washington, D.C., July 11-12, 1991, p. 78-102.
- WEST, Nigel. *The A to Z of British Inteligente*. Lanham, Toronto, Plymouth, UK: The Scarecrow Press, Inc, 2009, p. 114.